

Debate na TV e o efeito fermento

Não se pode dizer que a campanha presidencial começa às 21h30 de hoje, com o debate de candidatos na TV Bandeirantes. A campanha, a rigor, tem vários começos. Para Fernando Collor de Mello, por exemplo, começou com a primeira canetada nos marajás de Alagoas, há dois anos. Para Leonel Brizola, começou no dia 7 de setembro de 1979, quando chegou do exílio dizendo que não seria candidato a nada. Para Luís Inácio Lula da Silva, começou no dia 15 de novembro do ano passado, com a vitória do PT na disputa pelas Prefeituras de São Paulo, Porto Alegre e Vitória. Para Mário Covas, o começo foi uma virada na própria biografia: abandonou posições que defendeu na Constituinte e pregou um "choque de capitalismo", no discurso que proferiu no Senado no dia 28 de junho. Para Ulysses Guimarães, a campanha até parece que não começou, embora registre como marco de sua largada uma hora histórica do país e de sua carreira — 15h50 do dia 5 de outubro de 1988, quando promulgou a nova Constituição com "ódio e nojo à ditadura".

Cada candidato faz a sua hora, mas isso não tira a importância da abertura da temporada de debates na televisão, um programa que, como diz a propaganda da emissora, até hoje era proibido para menores de 47 anos. De saída, é muito complicado fazer debate com tanta gente, o que confirma que debate bom mesmo só pode ocorrer com dois candidatos, no segundo turno da eleição. Se houver — alguém pode ganhar direto no primeiro turno, obtendo maioria absoluta (metade mais um) dos votos.

Com a ausência anunciada de Fernando Collor e Ulysses Guimarães, nove candidatos estarão hoje diante dos telespectadores — e nem se imagine que outros 13 candidatos homologados por pequenos partidos, numa lista que ainda pode crescer à medida em que surjam hoje na Justiça Eleitoral as atas de suas convenções, queiram reivindicar direito de aparição igual na TV, como, aliás, manda a lei eleitoral. Afinal, os candidatos dos chamados partidos nanicos estão aí exatamente para aproveitar a chance de aparecer na televisão, fazendo dela trampolim para projetos políticos futuros, e não para disputar a Presidência da República. Nisso, as TVs e os telespectadores são punidos pela legislação eleitoral.

O fato mais marcante da preparação desse debate é a decisão de Fernando Collor de não enfrentar cara a cara os seus adversários. Pode-se dizer tudo contra ele. Que parece covarde no confronto. Que não contribui para esclarecer o eleitor. Que não ajuda a construir a democracia escondendo-se atrás das pesquisas que o colocam desde o início de maio em primeiro lugar na preferência do eleitor. Mas ele perde muito menos não indo do que indo ao debate. Indo ou não, será o saco de pancada de todos os outros candidatos. Se for, correrá o risco de se desgastar mais ainda, pois não terá tempo nem respostas para todas as acusações e provocações. É melhor ficar em casa, como fez Jânio Quadros em 1985 em São Paulo, e anotar tudo para se defender depois. Assim, poderia provar que, se os adversários não tiverem cuidado, corre o risco de ser hoje o Brizola da campanha de governador em 1982, no Rio: quanto mais apanha, mais pode crescer.

A visão desse efeito fermento na campanha presidencial motivou a assessoria de Mário Covas a dar-lhe instrução especial de não atacar Collor. Covas sabe que pelo menos 40% dos telespectadores que vão assistir ao debate de hoje, salvo variações de pesquisas em virtude do horário do programa, são eleitores em potencial de Collor. Por que agredi-los, se esses eleitores devem ser seduzidos, conquistados? Covas tem outros alvos, ou, como diz o deputado Ronaldo Cézar Coelho, tem um adversário a cada mês.

O adversário de junho foi Ulysses. Acha que já o bateu, embora no último Ibope estejam praticamente emparrelhados, ele com 5%, o candidato do PMDB com 4%. O adversário de julho é Lula, terceiro colocado no Ibope, com 7%. O objetivo mais imediato da campanha de Covas é ultrapassar Lula até agosto. Aí, sim, colocado em terceiro lugar, partiria para cima do adversário previsto para setembro, Brizola, o segundo colocado, hoje com 12%. Já estará começando o horário de propaganda gratuita na televisão e no rádio, e ficaria mais perto o sonho de alcançar o segundo turno da eleição presidencial, sem precisar bater em Collor. Faltava só combinar com o povão.

Mesmo tendo adversários no horizonte e no calendário, Covas preferirá vender idéias. Na área econômica, um dos que mais ouve é o economista Edmar Bacha. No domingo anterior, dia 9, por exemplo, passou o dia debruçado em cima de um estudo sobre inflação que Bacha lhe enviou, a fim de prepará-lo para um debate no programa *Crítica e Autocrítica*. Ontem, estava mais preocupado em arrumar idéias para se defender de acusação de ser incoerente, por ter mudado de posição da Constituinte para cá e por ter escolhido um candidato a vice-presidente, Roberto Magalhães, considerado de direita.

Brizola terá que atirar principalmente para cima, para desestabilizar Collor, mas não pode esquecer de virar a mira para baixo, para espantar a ameaça de Covas. O problema é que, com a ausência de Collor no debate, Brizola pode atrair a fúria de todos os outros candidatos. Afinal, o segundo lugar também é disputado numa eleição com possibilidade de ter dois turnos.

Marcelo Pontes